

BLOG GATA DE RODAS

ENTREVISTADA:	Ivone Oliveira
Localização da atividade:	Cohab II, Itaquera
Área de Atuação:	Digital
Data da entrevista:	22/08/2020
Entrevistadores:	Ireldo Alves e Renata Eleutério – CPDOC Guaianás

BREVE DESCRIÇÃO

O Blog Gata de Rodas é um espaço voltado às pessoas com deficiência, com ênfase no seguimento LGBTQI+, na diversidade sexual, na acessibilidade, na inclusão social e muito mais. Moradora da Zona Leste desde a infância, a gata de rodas traz com seus relatos de vida os desafios a serem vencidos para que a cidadania seja um direito de todos.

ENTREVISTADO:

IVONE DE OLIVEIRA

ENTREVISTA TRANSCRITA:

Ivone Oliveira: Eu me chamo Ivone, nasci em São Paulo, fui criada em Itaquera, tenho 51 anos de idade, sou cadeirante, bissexual, militante e ativista pela diversidade sexual da pessoa com deficiências. O blog, o Gata de Rodas, é onde eu faço todo um trabalho sobre a inclusão da pessoa com deficiência, e focado também na causa LGBT.

Fernando CPDOC Guaianás E me contar um pouco sobre esse blog, como ele começou... fala um pouco sobre como ele começou, se ele começou com esse nome, por que este nome e os antecedentes?

Ivone Oliveira: Certo, assim o blog ele nasceu em 2012 com o intuito d'eu criar um diário digital, onde eu comecei a escrever todo o meu dia-a-dia de mulher com deficiência, a partir daí eu comecei a trabalhar a questão pessoa com deficiência dentro deste blog, porque causou uma evolução nele, porque quando eu comecei a falar sobre a mulher com deficiência, eu, Ivone, começou a surgir pessoas que também se identificavam com a minha causa, e através

daí eu comecei a filtrar mais quais seriam essas pessoas que estariam ali conversando e falando que tinham referências e situações muito semelhantes as minhas histórias ali postadas.

E puxando mais o assunto eu percebi que essas pessoas também eram pessoas com deficiência e que também estavam no meio, tipo, "quem somos nós?" e foi aí aonde eu percebi que eu estava criando a minha identidade de pessoa com deficiência dentro desse blog que era uma coisa que não era intencional, era somente um diário que acabou virando uma causa maior nesse sentido. E nós chegamos a uma conclusão, discutindo dentro desse blog, com meus seguidores, que a gente sempre chegava no mesmo denominador comum, que era a infantilização da pessoa com deficiência. E isso nos remete a uma situação assim, tipo, infantilização, fala assim: você não tem autonomia, você não tem poder de decisão, você, seu gênero, é só feminino e masculino. Então vamos melhorar isso, vamos nos colocar visível e não vamos ficar falando só entre nós porque a sociedade e família não vai nos enxergar se a gente ficar só nisso e fica aquele ciclo vicioso entre nós mesmos!

Eu passei a falar assim: então vamos crescer, vamos evoluir, vamos crescer enquanto sociedade dentro desse blog que nós somos, passamos pelo processo de criança, de adolescente, de adulto e também do idoso com deficiência. Eu comecei a escrever mais sobre a sexualidade e já mudei um pouco o foco de falar só de questões acessíveis, inclusão social da pessoa com deficiência, enfim, apesar que eu penso que todas as pessoas são pertencentes, a gente só é excluído socialmente, então aí eu comecei a crescer esse blog falando só de sexualidade mesmo, qual sua orientação sexual, qual a sua identidade de gênero, isso causou um impacto porque isso não é muito comum, pessoas com deficiência falar sobre sua sexualidade, porque existe esse tabu da sexualidade da pessoa com deficiência. E quando eu resolvi falar mais aprofundadamente sobre questões LGBTs por eu ser bissexual (também faço parte dessa letra), eu comecei também a desenvolver mais essas questões LGBT e eu vi que o capacitismo, a homofobia, e a transfobia se cruzavam no meio da pessoa com deficiência, e aí o negócio ficou mais difícil porque você encontra muita dificuldade na questão de aceitação, existe a questão de como estar inserido na sociedade sendo LGBT sendo pessoa com deficiência também e eu quis estourar essa bolha e quando eu estourei essa bolha foi quando eu falei assim como fazer isso? como tornar fazer isso uma coisa maior uma coisa mais visível?

Foi aonde eu procurei, fui em 2016 pra Parada LGBT de São Paulo, sozinha nesse meio a pessoa achou muito difícil, né? As pessoas falaram: “Você tá louca! Como que você vai participar de um evento tão gigante daquele com tantos milhões de pessoas? você vai ser um massacre!” mas eu disse não, gente. Eu sempre fui uma pessoa de muito tentar, eu tinha que tentar eu queria um coletivo, uma coisa maior assim, uma associação que não fosse de forma sensacionalista, mídia, a Parada ela tem um evento muito grande então tem muitas mídias, e eu queria que focasse a pessoa com deficiência sem aquela mídia sensacionalista. A mídia real.

E eu fui pra Parada e chegando lá eu me decepcionei porque não tinha pessoas com deficiência LGBT no meio, como ativista, como militante, tinha participante, mas não militante, e aquilo me incomodou e tal e eu pensei: Poxa, vamos levar um projeto pra Parada, vamos levar essa questão maior para eles e eles aceitaram de pronto, com a questão do projeto, com a questão levando a rota de acesso para cadeirante, a audiodescrição para cego, libras para os surdos. E dali, eu fui pioneira em 2017 com a inclusão da pessoa com deficiência pra Parada e hoje eu estou lá até hoje levando essas pessoas e dando visibilidade ao segmento LGBT e também da pessoa com deficiência, em questões de inclusão, acessibilidade e orientação sexual... identidade de gênero, tudo no mesmo corpo, tudo no mesmo lugar.

E foi bom por que o blog ele cresceu mais ainda e a partir daí as pessoas começaram a nos enxergar um pouquinho mais, antes era totalmente invisível e também tive alguns problemas de questões de pessoas que me discriminaram: O quê que essa cadeirante, essa mulher está indo contra o que a sociedade espera de uma pessoa com deficiência? Eles esperam que a gente seja eternamente infantilizado e ao mesmo tempo que outras pessoas nos conduzindo e falando por nós. Então, o blog, ele tem esse empoderamento, nesse sentido, de empoderar a mulher com deficiência também (que é uma coisa muito importante) e eu falo bastante nas questões de educação sexual, saúde sexual também, enfim, esse é o caminho do blog nesse desenvolvimento.

Fernando CPDOC Guaianás Então, o blog, então ele serve como espaço para você colocar relatos, colocar fotos, é como se fosse uma vitrine. E além da sexualidade ele também comenta outros temas? além da sexualidade, acessibilidade, ele fala sobre acessibilidade ou ele fala de outras temas?

Ivone Oliveira: Então, acessibilidade da pessoa com deficiência é o grande problema nosso, por que ocorre a invisibilidade através dele, se não tem acesso não ocorre a visão nossa circulando pelos espaços. E eu falo assim, não falo diretamente acessibilidade, eu não falo: ah em lugar X não tem acessibilidade ou tem acessibilidade. Eu não direciona as pessoas com deficiência a irem só para os lugares acessíveis, não! Eu posto, eu vou em todos os lugares que eu gosto de levar conteúdo, eu vou em muitos eventos, posto em todos os lugares fotos minhas na melhor pose, melhor lugar. Então, as pessoas com deficiência vêm e se sentem feliz: se a Ivone, uma cadeirante, foi naquele espaço, eu também posso ir. Mesmo que aquele espaço não esteja acessível porque eu não divulgo o lugar, falando: olha tal lugar é acessível e tal lugar é inacessível. Nunca falo isso, então eu posto a foto e fui, se eu fui e eu consegui outras pessoas com deficiência também vão conseguir.

Então a partir daí passaram a ir e entrar causar um incômodo social em como colocar, exemplo, cinco cadeirantes em um espaço que tem um degrau, não precisa ser um degrau gigante, três degraus já é um problema, dois degraus já são um problema. E aí, a gente começou, eu comecei a levar acessibilidade sem falar em nome de acessibilidade e também não gosto muito de usar a palavra “inclusão” social da pessoa com deficiência porque eu acredito que nós somos pertencentes da sociedade, nós também devemos ocupar espaços e nós somos excluídos socialmente, nós não estamos pedindo um favor pra estar incluído: eu quero ir em tal lugar, eu quero ir em tal museu.

Eu não gosto muito de usar a palavra "inclusão" social da pessoa com deficiência, por que eu entendo que nós pessoas com deficiência também ocupamos espaços e somos pertencentes da nossa sociedade, da sociedade, e quando a gente fala que quer ocupar um espaço, eu quero ir no cinema, eu quero ocupar todos os espaços de lazer, de saúde, de educação, de trabalho. Eu não posso falar: olha, por favor, eu preciso estar aí, vocês precisam tornar isso acessível. Então, eu sou pertencente e quando não existe essa acessibilidade elas estão me excluindo eu entendo isso a falta de acessibilidade eu entendo como uma falta de respeito com a gente, é como se a gente não fosse bem-vindo naquele espaço. Então a inclusão é uma palavra que eu não gosto por causa disso, porque nós somos incluídas, nós já pertencemos a sociedade, a sociedade que nos excluiu, é diferente. Então, por isso, que eu sempre bato nessa tecla e as pessoas não entendem, “não, você precisa ser incluída” - Não, eu já sou incluída. Por isso que eu não falo de acessibilidade, eu não falo que o lugar é inacessível, não. Eu vou. Simplesmente eu vou. A

pessoa se vira eu vou para aquele espaço porque é um direito meu, é um jeito de eu estar no lugar e qualquer outra pessoa com deficiência precisar e querer ir.

Fernando CPDOC Guaianás Ainda sobre o blog: como é que que é seu dia-a-dia na manutenção dele? Os temas, as faltas, assim, qual a rotina que você “senta” no blog? Como ele é alimentado? Me fala um pouquinho sobre o processo de produção dele, como é que você coloca as pautas? São pautas do momento ou são pautas mais antigas? Enfim, como que você mantém ele? Qual é o seu processo de produção dele? Quê que ele tem assim de, dos produtos que ele tem, as marcas que ele tem? Você faz live, não faz live? Faz fotos? Fala um pouco mais sobre o blog e a estética mesmo.

Ivone Oliveira: A equipe mesmo sou eu e a minha fotógrafa do blog Gata de Rodas, então, a assim a gente faz tudo sozinha, eu e ela. Em questão de produção de foto e texto eu busco textos atemporais, coloco lá lista de fotos, coloco lá informações, LTI, coloco os eventos que ue participo, então assim, tudo é muito manualmente assim, eu não tenho patrocínio ele é somente uma vitrine, ele não é patrocinado nem nada, ele é só mesmo para passar as informações. Então o blog eu coloco as atualidades sempre e também alimento com histórias, história da pessoa com deficiência, a história LGBT, então tudo isso dentro do blog, se vocês buscarem lá vocês vão ver informações atuais e históricas de ontem do começou o processo de evolução de visibilidade dessas pessoas no meio social, acredito que seja só isso mesmo.

Fernando CPDOC Guaianás Então você trabalha com ele todo dia, toda semana...?

Ivone Oliveira: Então, eu não tenho assim: olha eu coloco uma vez por semana um post. Porque assim, é muito corrido, então assim, às vezes eu faço três eventos então tem que ter um texto e tudo isso eu mesmo faço, eu mesmo escrevo, eu mesmo que edito fotos eu e o público. Então fica assim: hoje vai ter um evento e daqui 2, 3 dias eu posto, depende da demanda, do processo do evento que eu tenho durante a semana ou durante o mês, então ela não tem uma rotina assim, olha amanhã vai ter, depois de amanhã vai ter. Tudo vai acontecendo mesmo corrido, matérias corridas.

Fernando CPDOC Guaianás E você falou de eventos também, fala um pouco assim dos eventos que você participa, as suas temáticas... São os mesmos eventos ou muda? Qual é o seu campo de ação?

Ivone Oliveira: A princípio eu ia mesmo porque eu queria mesmo ocupar espaço e depois eu comecei a ser convidada. Antigamente eu ia, batia na porta: quero entrar! Agora, as pessoas me convidam para eu participar de eventos. Então assim, eu participo de eventos diversos não só LGBT e não só matemática de acessibilidade, como eu havia dito. Eu gosto de participar também de eventos de balada, a informação de balada para pessoa com deficiência, porque que é importante, levo também formação de arte, que eu gosto de museus, desses locais de arte, cinemas, filme, sugestões de filme. São lugares eu vou assim circulando pela rua, eu gosto de ficar na rua buscando informações que agregue a todo o segmento.

E os eventos, eu busco eventos de carnaval, que eu gosto de carnaval também e assim, toda essa parte artística, movimento cultural também, gente, é diverso! Todos os eventos e eu tô no meio, eu tô sabendo, se eu não tô sabendo alguém: “olha Ivone” vem que tem uma coisa bacana que vale a pena agregar nos seus conteúdos daí de informação”, então, eu vou em tudo, tudo, tudo, tudo, eu sou aberta a todos os espaços, então não falo só focado em questão sexual, sexualidade, eu também falo que estou de acessibilidade tudo mais daquela forma indireta de falar, não falo diretamente

Fernando CPDOC Guaianás Tem algum evento assim que você julga ou dois, que você julga que participou e que foi muito relevante tanto para você e para seus seguidores ou para o blog ou eventos, premiações ou festas ou baladas, assim, que seja algo importante?

Ivone Oliveira: Olha, assim, importante mesmo, foi quando eu comecei a receber premiações, sobre: Ah, você levou pessoas com deficiência em tal evento, que é julgado como algo muito difícil, até impossível, para algumas pessoas. Falando assim: Você foi premiado porque é a pessoa que representa a pessoa com deficiência, você dá voz a essas pessoas, você chama essas pessoas no lugar de fala, também por ser importante, que a gente sempre foi terceirizado, sempre os pais os outros falam por nós, o acompanhante fala por nós, então a gente nunca é ouvido. A gente vai no barzinho, por exemplo, e o garçom invés de perguntar para mim, ele faz assim: ó, o que que você quer, qual o cardápio que você quer beber, o quê que você quer comer.

Não, pergunta para o acompanhante, entendeu? Então eu falei assim: Não, a gente tem que falar, nós precisamos falar das nossas necessidades. Porque nem sempre a pessoa entende que aquilo é interessante para gente, então isso, acabou recebendo premiações, fui musa de bloco de carnaval, recebi premiações, sobre questões: Como uma cadeirante musa? é algo assim que as pessoas falam, acham até bizarro. Acham, acham até estranho. Porque não, tem que ser um corpão perfeito, tem que ser uma coisa bonita de ser vista. Não, uma musa, de início tá vindo muitas outras meninas atrás recebendo essas mesmas premiações, eu fui a primeira e já teve três/quatro anos seguidos que outras meninas também tiveram essas faixas mas eu já sou aquela que abriu espaço.

Então sou musa, recebi premiação da Parada do Orgulho LGBT pela militância e ativismo por ter levado a pessoas com deficiências pra parada. Também blocos, vários blocos de carnaval também recebi e esse ano antes da pandemia, no mês da mulher, eu recebi um prêmio que para mim tem muito significado que eu recebi da Câmara dos Vereadores homenagem de uma vereadora falando sobre a mulher com deficiência, uma coisa que nunca tinha acontecido, uma mulher com deficiência recebendo uma premiação dentro de uma câmara municipal como militante, como ativista, isso para mim fechou, foi 2020 para mim já valeu com essa premiação vinda já de pessoas além das leis.

Fernando CPDOC Guaianás Você falou sobre eventos da prefeitura foi este ano? prefeitura não Câmara dos Vereadores né?

Ivone Oliveira: foi só esse ano no último evento desse ano aí com a pandemia parou as atividades

Fernando CPDOC Guaianás deixa eu te perguntar além do blog, você trabalha? você tem alguma outra profissão? outra renda financeira? o blog também cai como uma renda financeira também? Como é que é isso? formação?

Ivone Oliveira: Profissionalmente, falando em Registro em carteira CLT, eu tenho experiência como telemarketing. Trabalhei como telemarketing durante quase 11 anos, como home Office, dentro da minha casa, por causa dessa questão que eu dependo de acompanhante, então, eu tenho que ter a minha independência financeira adequada a minha necessidade, então trabalhei

durante o período de quase 11 anos e depois fui dispensada porque houve um corte na empresa e de lá para cá eu estou disponível no mercado de trabalho, mas, sou formada em Ciências Contábeis e nunca exerci a função até por questões porque até quando eu quis trabalhar como contadora, era por causa do sistema, que eu pensei: Poxa, trabalhando como telemarketing eu fiz a minha faculdade, então a contabilidade ela é um sistema, tem um sistema, pensei, pra mudar de profissão vou trabalhar como como Home Office como contadora, isso não aconteceu, as empresas elas deram essas atividades de trabalhar com Home Office em casa e eu acabei não trabalhando, só que o blog é uma vitrine eu não ganho nada diretamente com ele, mas ele me dá a oportunidade de fazer palestras, rodas de conversa, aí sim vem o remunerado, outros nem tanto outros vale a pena outros nem tanto, mas te ajuda, entendeu? então, o blog traz mais essas..., essas palestras que eu faço que é de onde eu tiro a minha independência financeira um pouco.

Fernando CPDOC Guaianás E você falou que tanto o blog quanto os eventos que você participa impactou muito na vida de muitas pessoas, assim, os LGBTs e tudo mais. Queria ver também, e a família? família, seu âmbito pessoal, os amigos? como é que eles lidam com o blog com a sua atuação posso da militância, família, os amigos pessoais, os relacionamentos.

Ivone Oliveira: A militância da pessoa com deficiência ela já nasce a partir do momento que você é deficiente. Você é deficiente, você já começa a sua militância dentro de casa, quando é só você que é deficiente onde você às vezes a família não tem informação suficiente para te passar esse suporte das condições, dos enfrentamentos que você vem encontrar futuramente na sociedade.

E você acaba direcionando isso, então, eu acabei direcionando a minha família nossas partes também em questão de querer estudar, de ter que trabalhar, de ter uma adolescência, de ter um relacionamento, construir família.

Então eu tive que construir tudo isso primeiro dentro da minha casa, aí foi onde eu comecei o blog também pra levar pra fora, só que assim o impacto foi grande porque ninguém esperava o que uma pessoa com deficiência era capaz de fazer tantas coisas, porque a gente tem validado né a sociedade inválida a pessoa com deficiência os colocando para baixo como se a gente dependência de um assistencialismo, ajuda de família, ajuda de governo, ajuda... não, a gente é qualificado, a gente estuda, a gente tem vontade de ter a nossa independência, construir nossa

família. Então isso foi um pacto que aconteceu, quê que essa Ivone, quê que essa cadeirante tá indo de contramão com o que a sociedade espera? E muitas famílias também acham da gente se libertar, porque muitas pessoas deficientes começaram a se libertar, começaram a se soltar e ver que era possível mudanças de postura social mesmo do nosso meio, do segmento. Então esse impacto veio, vem quando a gente começa a mostrar que a gente tem um relacionamento afetivo, isso é o que mais pega, por causa da questão da infantilização, as pessoas sempre vão fazer o mal para a gente e que a gente também é uma pessoa, como se diz? desejadas até para criar futuras famílias, construir família. E esse fato foi grande por quê eu passei por grandes cobranças por causa do blog de colocar algum empoderamento de mulheres, mães cadeirantes, com deficiência, então existe uma sensibilidade nesse sentido para mulher com deficiência em hospitais e clínicas ginecológicas, obstetras, também, então, como que seria o parto dessa mãe? como que seria essa mãe gerando um filho? Não existe.

No mercado de trabalho a gente enfrenta, briga, porque só tem 1% na lei de cota para ser inserido no mercado de trabalho então, onde estão as pessoas se somos mais de 40 milhões de pessoas no Brasil com algum tipo de deficiência, porque que existe essa invisibilidade? então, essas coisas eu comecei a mostrar e muitas pessoas começaram a reportar e compartilhar além disso e começou a criar uma rede grande, de pessoas se tornando visíveis dentro da internet que é onde a gente se destaca. E a gente se destaca dentro de uma internet né porque quando você não é acessível a rua você tem uma outra forma de falar que aquela ferramenta é boa para nós.

O empoderamento da mulher começou mesmo dentro de uma redes sociais, onde a gente começa a ser vista e falada e mostradas, então esse é o impacto que tem, por que, que essas pessoas estão fazendo? essas pessoas... a gente já tá virando o incômodo, q gente os "anjinhos bonzinhos" dentro de casa já viraram um incômodo social, e eu gosto disso, por que tá dando certo. Se a gente tá incomodando é porque tá dando certo, tem muita coisa ainda para ter acessibilidade para pessoa com deficiência, ta lento, tá muito lento, mas eu acho que a gente está buscando, a gente vai chegar onde a gente quer, não precisar ter que falar que eu quero estar parecendo ao espaço porque eu muitas ouço críticas, "olha, aqui não tem sensibilidade porque aqui não vem muito cadeirante" — Não interessa, o lugar tem que ser acessível tendo ou não tendo um cadeirante, ele tem que estar preparado para receber essas pessoas, por que essas pessoas ela também é consumidor, essas pessoas também pagam impostos, essas pessoas pagam mais impostos que porque uma cadeira de rodas vocês, vocês não sabem, é absurdo de

cara, a mais simples é cara, tudo que é voltado a pessoa com deficiência de acessibilidade para poder ter uma mobilidade com seu dinheiro. Sabe a impressão que eu tenho? é que eles mostram isso pra gente ficar mais preso dentro de casa, pra gente se esconder mais ainda colocando dificuldade, pra gente desistir. Isso a gente não faz, a gente não desiste, a gente está usando as redes sociais mais agora nesse momento pra focar mais nessas questões, pra quando a gente ir pra rua a gente já ir com a intenção de que, olha, tem que estar acessível, porque a gente tá preparando esse terreno porquê a gente quer tá ocupando todos os espaços

Fernando CPDOC Guaianás Dentro do blog ou outros eventos também, conta um pouco desses momentos de alegria que você teve, engraçados ou anedotas, histórias ou momentos assim que lhe proporcionou alegria? Não necessariamente, não só sobre você ter recebido a premiação mas coisas do dia a dia, uma história...

Ivone Oliveira: Olha, a pessoa com deficiência já é uma pessoa alegre, pode tá o mundo caindo que ela tá tudo festa e quando eu me juntei com povo do coletivo que é muito mais engraçado, por mais que temos essas questões de capacitismo, são pessoas alegres, são pessoas que estão sempre pra cima, o mundo tá acabando, pessoas morrendo todos os dias mas a gente tá ali feliz, se divertindo em tudo. E o episódio assim que foi engraçado, assim, é estranhamente engraçado, porque a gente num momento de um barzinho estava com parceira, uma pessoa que estava ficando no momento, e era uma travesti e o que aconteceu? Chegando lá, e a pessoa, o garçom foi perguntar né claro sempre pergunta para gente para quem tá com a gente, sempre, e aí eu tô lá a gente pediu, fez o pedido, só que aí quando a pessoa veio com a bebida, com um pedido nosso, a gente tava beijando, o que que aconteceu? A bandeira PLAFT! O homem caiu! (risos) isso eu joguei na rede social, isso foi hilário, porque a pessoa riu muito, rio não, a pessoa derrubou o negócio, e eu, nossa, o que que aconteceu, né? Vamos parar, a gente tá causando ali, gente, isso é tão normal, isso todo mundo tá fazendo, um hétero para gente é um medo, uma preocupação, foi exatamente isso que aconteceu a bandeja simplesmente do garçom foi para o chão. Então assim, a gente tem esses momentos engraçados, até na balada, eu danço no meio do povo, eu não fico dançando cantinho não tá? na balada eu vou lá para o centro, danço com todo mundo, eu me divirto, aproveito o espaço! Aquilo ali é para ser usado, para ser aproveitado, então tem esses momentos muito engraçados que acontecem essas coisas mesmo, então assim eu me divirto muito quando tô na rua, é bem prazeroso até das coisas ruins eu faço piada delas para não ficar tão pesado.

Fernando CPDOC Guaianás Falando em coisas ruins e crises, você já passou por dificuldades? Pensou em desistir? Você passa por esses momentos, como é que é essa questão da desistência? Tem um momento específico que você falou, não, agora...

Ivone Oliveira: Olha, eu sempre fui uma pessoa muito persistente desde sempre, desde criança, eu sempre insisti em tudo que eu tivesse os meus direitos, muitas vezes sem saber que era um direito meu, mas eu queria estar ali lutando por aquele espaço. Claro, que tem dia que você fica triste, um dia que aquele dia que você não amanhece feliz, aquele dia que você fica poxa, por que que aconteceu isso? teve momentos de nunca desistir, mas teve momentos de eu ficar triste e chorar assim, choro. Sou um ser humano, eu fico triste com algumas situações mas falando assim, desistir? olha desistir eu falo só desisto quando não tem jeito sabe? E ainda graças a Deus nesse momento, ainda não chegou aquele momento que eu... eu falo assim agora eu vou derrubar tudo, não quero mais fazer nada disso, vou voltar com a minha vidinha dentro de casa, porque a partir do momento que um deficiente sai para rua ele não quer mais ficar dentro de casa, muito difícil, então eu nunca pensei em desistir mesmo, triste fico, mas desistir nunca.

Fernando CPDOC Guaianás Você falou que o momento assim de 2020 foi ter recebido o prêmio e depois deu a pandemia e como é que você tá você tem suas dificuldades apoio como é que você tá com essa questão da pandemia, passando para dizer momentos como é que isso chegou para você e para o blog?

Ivone Oliveira: Olha, a gente sempre fala assim que para pessoa com deficiência, o isolamento social sempre fez parte da nossa vida, no contexto geral, isso faz parte da nossa vida. E quando eu me vi na rua sabendo que a liberdade de sair, fazendo minhas coisas, estudando trabalhando, tendo da minha vida normal, foi como assim um passarinho soltando da gaiola, tipo, eu tô feliz, eu tô animada e quando veio a pandemia aí voltou o local da história, o isolamento social, que aí é uma coisa que já faz parte para mim é difícil porque eu acostumei já ficar na rua como todo mundo mas eu não vi como problema ficar em casa, mas assim, cara, me impede um pouco do trabalho, da parte financeira, então, eu já diminui um processo de trabalho mas a pandemia para mim serviu até para orientar outras pessoas, principalmente as pessoas sem deficiência: Ai, eu não aguento, tô me descabelando dentro de casa. — Eu fiquei quase 40 anos dentro de casa, teve meses que eu ficava um mês dentro de casa, então para mim o isolamento social não foi problema, ele me ajudou a falar com outras pessoas: Gente, isso vai passar, isso passa e uma hora

tudo vai voltar à normalidade. Tudo bem que é triste porque você perde muitas pessoas, pessoas conhecidas, as pessoas próximas, a gente fica triste com o fato da questão doença, mas com o isolamento eu tenho fortalecido outras pessoas, coloco sempre: Gente, pessoa com deficiência, cuida, se proteja, porque você é o grupo de risco, vocês são os que menos vai fazer falta para a sociedade, nós é que vamos fazer menos falta, então se cuida, se proteja, principalmente a pessoa com deficiência. Claro, todo mundo também tem que se cuidar mas eu sempre falo isso. E quando eu percebi que tinha pessoas com deficiência que eu conhecia de redes sociais também morrendo então para mim também foi pesado, pensei: que que tá acontecendo? Essa pessoa teve um acompanhante? essa pessoa tava sendo cuidado? como era o processo de cuidados para essa pessoa ter agido essa doença?

Sabe isso começou a gerar questões questionamentos e a fortalecer mais ainda. A gente não pode desistir tem que se cuidar, levantar essas pessoas tem que levantar e eu peguei fiquei isolada até hoje mas eu acho importante estarei aqui hoje mas aí vem aqui esses problemas mesmo que entristece mas isolamento social já faz parte do nosso da nossa vida.

Fernando CPDOC Guaianás E você fez todo esse processo de encontrar dar dicas pro pessoal pelo blog ou outros canais também?

Ivone Oliveira: Pelo blog, pelo Instagram e eu vou assim onde o público e mais tem mais pessoas, eu coloquei todas as redes, lógico mensagem assim tem um público maior que pega mais que é o Instagram, que tem muita visibilidade ele fortalece muito pra mostrar mais visível as pessoas ali, então eu uso muito o Instagram, eu uso muito o Twitter respostas curtas Facebook eu coloco muito matérias da pessoa com deficiência história tudo que acontece no mundo das pessoas com deficiência aí eu coloco lá histórias eventos no blog, então eu direciono para que chegue em todo mundo mas faz histórias para outras pessoas também.

Fernando CPDOC Guaianás Pessoas próximas a você sofreu com COVID? Com perda ou só dá militância das redes?

Ivone Oliveira: Da minha família graças a Deus não aconteceu ainda não, e nem vai acontecer, não aconteceu nada com a minha família, mas teve um vizinho próximo, taxista, que isso foi o que me deixou mais triste, era uma pessoa que quebrava o meu galho para ir pros eventos e

tudo, e ele motorista, de idade, diabético... E aí ele contraiu a doença e morreu num espaço muito curto, acho que sei lá, uns 4/5 dias ele morreu, quando já deu a doença ele já faleceu, e essa semana mesmo outro vizinho teve alta de COVID, essa semana pessoas com deficiência, militantes de Youtube morreram também. Então próximo, próximo mesmo foi esse taxista e esse outro senhor que graças a Deus está em casa, mas marcou esse aí vai ficar na minha memória para o resto da vida.

Fernando CPDOC Guaianás Como que é a preservação, registro do blog? Como é que você... todas as informações que você tem do blog, você tem esses materiais ou não? Em questão do registro do blog apesar que o blog já é o registro.

Ivone Oliveira: O blog já um registro mesmo, ele tá registrado mesmo, ele é uma patente, eu posso usar dele para evento, workshop, mas ele em si eu registro tudo no blog, todos esses arquivos são preservados na minha casa, o acervo, e é isso ele é muito manualzinho, ele é muito intimista ainda. Ainda não tem grandes produções, grandes cuidados mas é tudo protegido por mim mesma e todos os registros, todos lugares, de todas as coisas que eu faço, tá tudo no blog. E as redes sociais ele alimenta esse blog, eu direciono tudo ele para lá eu coloco ali um evento rápido que não dá tempo de colocar no blog, eu já coloco, por exemplo, no Instagram e já direciono lá pro blog, então é tudo uma redezinha que é preservado por mim mesma.

Allan: aproveitando você tem a pretensão de escrever um livro para levar para colocar todas as informações dessas experiências?

Ivone Oliveira: Sim, as pessoas me cobram isso porque quando eu conto uma história, desde o processo de infância até onde estou agora, atualmente, já teve propostas pra escrever um livro. Tô tomando coragem porque tem coisas assim que deixa a gente meio perdido, meio forte, meio pesado e fico pensando o que que escrever nesse livro? Mas já tem uma proposta sim, tem um escritora que tá me dando apoio, que ela também é uma travesti ela chama-se Amara Moira e ela vai me ajudar nesse sentido de escrever esse livro, a gente já tá trabalhando essa questão.

Fernando CPDOC Guaianás Você já tinha outra referência de blog? Com esse mesmo formato, com este mesmo objetivo ou você se refere seu em outros blogs, em outras páginas? E se ele referencia em outras produções também outros blogs, como é que você vê, como é que é isso chega nas outras pessoas para elas produzirem coisas bem parecidas assim, você percebe isso?

Ivone Oliveira: Sim, sim, então, é como eu falei para você ele começou sem pretensão nenhuma de ser um blog simplesmente meu diário e ali começou a direcionar, só que eu não vi referência em outro lugar porque eu criei esse blog e no sentido... não na intenção de buscar em

outro lugar, outras referências e tudo. Mas hoje eu vejo assim que tem muito blogs mas esses outros blogs eles têm um foco diferenciado do meu, por quê quando eles falam de pessoas com deficiência, eles falam mais de acessibilidade e falam mais de inclusão social no sentido só ali segmentado, e assim fica muito fechado aquilo. E quando eu quero falar de inclusão eu quero que seja com tudo então eu quero abrir um leque para essas coisas, então eu acho assim que o meu tá dando espelho para outros blogs. Na verdade ele é o contrário porque agora já tem outros blogs, mas são novos, YouTubers também já falando em transversalidade.

A pessoa com deficiência não é só uma pessoa com deficiência essa deficiência pode sim, pode ser: uma negra cadeirante, pode ser um LGBT cadeirante, pode ser uma feminista cadeirante, pode ser muitas coisas, então a gente também pode levar isso para as pessoas que não têm deficiência. Então é uma mistura eu acho que é inclusão isso, eu acho que é isso, é todo mundo num lugar de fala. Mas e as referências elas estão começando a se abrir sim, tem muita coisa boa aí e eu falo em Minas Gerais tem meninas muito boas lá que é o Desluga, Duarte em Minas Gerais, estou falando só de Minas, então tem São Paulo, tem todo o Brasil aí com coisas bacanas mostrando a pessoa com deficiência da forma que eles gostariam de ver na verdade seria.

Fernando CPDOC Guaianás Porque Gata de Rodas e não "Gata de Botas"? (risos), o pessoal brinca com você com relação ao Gato de Botas?

Ivone Oliveira: Sim. Total, total, eles confundem Gata de Rodas, Gato de Botas, com filme com desenho, enfim... mas quando eu criei o blog exatamente por essa questão que você acabou de falar sobre referência. Eu queria colocar um nome e quando eu fui perceber um nome, eu via muito assim "mulher com deficiência", "mulher da inclusão", "mulher da acessibilidade" e eu fiquei, nossa gente, para! Vocês estão focando muito na deficiência, a gente quer mostrar o outro lado da moeda. Como uma mulher gosta de ser vista? Vista como uma gata! Aquela mulher é uma gata, é bonita! Aquela mulher é pra cima! Uau! Tipo assim... eu queria ser gata mas a gata que não anda, então a gata cadeirante, então ela seria uma Gata de Rodas.

Então foi a partir daí que eu comecei a criar um nome Gata de Rodas para empoderar a mulher, pra colocar ela pra cima e nunca pra baixo, então essa foi a parte mais engraçada e mais interessante... e como eu sou também uma pessoa super, super vaidosa gosto de botas 15, salto 15, e aquelas botas que vem aqui em cima nos eventos que eu participo.

E aí começou essas brincadeiras "ôh, Gata de Botas" porque, graças a Deus eles deixaram de enxergar minha cadeira e começaram a enxergar minhas botas, então foi um... vamos dizer um marketing? sei lá, não foi com pretensão, mas acabou que direcionou ao invés de olhar para

minha cadeira de rodas, começaram a olhar para as minhas botas e ficou Gata de Botas, Gata de Rodas, eu faço festa desses nomes, acho muito legal!

Renata CPDOC Guaianás: Você falou do pessoal de Minas, você falou que tem muitos movimentos aqui em São Paulo, quês parcerias você faz? Quês outras figuras você fala, olha, são parceiros são referências atua junto comigo?

Ivone Oliveira: Olha, eu tenho parceirão, muito, muito, muito, desde o começo da minha militância do começo da minha militância, porque a gente ia buscar acessibilidade no parque de diversão público, acessível, uma para criança com deficiência, o parque do Ibirapuera em 2007, eu conheci em 2008, ou militante Amaurir Timóteo do Inclusão Já, ele me convidou porque ele me viu nas redes e eu ainda não tinha um blog mas eu já escrevia no Facebook, Orkut!! Nossa, olha antiguidade, do Orkut! Aí ele me convidou para ir nesse evento: Ivone, vamos? — Ah, mas aí, como que eu vou? não tenho acessibilidade, como que eu faço? Não, eu posso te buscar em casa, um serviço que transporta pessoas com deficiência e ele tipo vai te buscar em casa e te deixar em casa, porque não tinha ninguém para me levar no momento. Então vamos! Então vamos fazer a militância, e ele é muito, muito legal de tudo que eu aprendi de militância foi com ele. E ele pegou e me levou para esse parque do Ibirapuera e falou assim: Ivone, quês que você acha desse espaço? é acessível para você? E eu: nossa, é o máximo! espaço... respirando, coisa que eu não saía muito, então para mim só de sair do portão para fora já era ótimo. Aí ele: Não Ivone, falta uma rampa, se você tiver que ir no banheiro, ele não é acessível pra cadeirante, não entra o cadeirante, como que é isso? como que você tá vendo isso acessível? Ah, eu a sair de casa para mim já tá bom! Aí ele: não, Ivone, não é assim que funciona, e ele me ensinou a militar pelos meus direitos de pessoas com deficiências, a cobrar direito nosso. Ele para mim é a referência aqui em São Paulo, ele é uma referência para gente grande, eu falo que ele é meu mestre, eu aprendi muito com ele e tem essas outras pessoas que que também são mas ele é mais foco mesmo em acessibilidade, aquele que vai na Assembleia Legislativa na Câmara Municipal, na parte de políticos ele é mais politizado, e eu mais a parte visual mesmo, já coloca pessoas na rua aí ele já buscar essa parte mais acessível mesmo.

Renata CPDOC Guaianás: Você assim com todas essas pessoas que fazem a militância super articuladas, tem algum movimento que você pode falar assim que foi um momento importante ao longo do período que você começou a militar dos tempos de hoje que você falou assim que foi o marco na sua história, na sua vida, de inclusive pertencimento de se sentir pertencida?

Ivone Oliveira: Para mim foi a parada LGBT de São Paulo foi ali que a minha história mudou, foi ali que é onde as pessoas com deficiência começaram a ser vistas. Então assim o Marco de eu ser pioneira, a única e exclusiva de incluir pessoas com deficiência nessa Parada do Orgulho LGBT São Paulo que hoje abriu portas para gente, de ter momento de fala, diálogo com outras faculdades, com políticas públicas, com todo um contexto geral dentro da Parada. É algo que tem que gente pensa assim que é um fervo um dia só, isso não é verdade, eu trabalho lá dentro como pessoa que inclui pessoas com deficiência e a gente trabalhou o ano inteiro a gente trabalha o ano inteiro para fazer ações para trabalhar com projetos, para levar coisas diferentes, então eu tenho um grande suporte dentro da Parada, é ali que tudo vem mudar para todo mundo.

Renata CPDOC Guaianás: Em que ano que foi essa primeira vez que você foi?

Ivone Oliveira: A primeira foi em 2017 e foi em 2017, eu fui em 2016 como eu disse que não tinha pessoas, não tinha representatividade da pessoa com deficiência dentro da Parada, porque eles entendiam assim, que eles não, as pessoas socialmente pensavam, assim: que as pessoas com deficiência que surgia dentro da parada, era por questões transfóbicas, homofóbicas, umas batiam e acabavam ficando nesse sentido.

Aí eu fui em 2016 não tinha a representatividade da pessoa com deficiência na Parada e eu fui, eu entrei lá, entrei em contato com eles, eu pedi para que eles me ouvissem, levando um projeto de inclusão da pessoas com deficiência, com rota de acesso, áudio descrição, libras... e eles abraçaram a causa na hora, eles não pensaram duas vezes, eles falaram assim: Ivone, a gente precisava de alguém com legitimidade para fazer, para falar sobre a causa, então a gente vai aprender com você, o que você falar a gente vai fazer, e a gente vai tentar! E foi através dessa visão que eu comecei aí eles levaram em 2017 a Parada para rua, com apoio do suporte de segurança para que não aconteça nada com as pessoas, 2016 fui sozinha mas depois quando você leva uma massa maior de pessoas com deficiência é mais preocupante tomar um certo cuidado mesmo.

E na primeira vez eu levei quase 100 pessoas com deficiência que abriu a Parada. A do carro da frente, do carro principal oficial, a gente abriu, e aquilo foi um dia foi tão bonito, foi tão legal que as pessoas ficaram, nossa, essas o que pessoas com deficiência estão fazendo aqui? Eu dentro daquele cordão não estava simplesmente pessoas com deficiência LGBT, tinham pessoas mães lésbicas com filhos deficientes, pais gays com seus filhos, pessoas LGBTs com

deficiência também, então aquilo tava representando uma família da diversidade, de também do corpo deficiente, tava todo mundo junto e misturado, e aquilo ali nossa aquilo ali foi lindo! E foi a partir dali que teve toda a mudança de visão seja ela a deficiência da pessoa com LGBT ou não a visibilidade primeiro mais importante depois consequentemente vieram as questões diversidade sexual mesmo a princípio era a acessibilidade que eu busquei ali.

Renata CPDOC Guaianás: Ivone, primeiro, que lindo seu trabalho, que linda você é! Emocionante ouvir, eu queria muito que você falasse assim essa transformação com a cadeira você saindo de casa como é que essa passada né, essa cadeira sempre foi motorizada? Como você chegou nisso? ir para balada com a cadeira, como é que é conta pra gente?

Ivone Oliveira: Ah, gente é assim, a cadeira motorizada é recente na minha vida, então eu ganhei ela em 2013 da minha amiga fotógrafa do blog Gata de Rodas, ela me presenteou porque eu me formei, quando eu me formei em Ciências Contábeis, então ela falou assim: Ivone, o seu presente vai ser essa cadeira que ela vai te dar um pouquinho mais de independência de locomoção. E foi lindo! foi lindo porque eu até me emociono porque antes eu usava a cadeira manual, então eu não tenho movimento desse braço, então depende de pessoas, então assim as pessoas... é muito louco, porque elas pegam a cadeira manual e coloca no lugar que eles acham que tá bom, não é o lugar que eu achava que tava bom, sabe? Tem momento de colocar a gente de frente para parede e a pessoa vira vai conversar com outras pessoas e esquece que eu tô ali, não me vira para frente daquela rodinha de conversa e eu ficava para trás isso me incomodava muito e quando eu ganhei a cadeira foi uma sensação muito louca, porque foi a primeira vez que eu consegui ir numa cozinha pegar um copo de água sozinha, gente, desculpa (emocionada), então, para mim foi além, de um simples andar então dentro da minha própria casa, já conseguia ir sozinha no banheiro sem depender de alguém para me levar. Com a cadeira manual era assim, aí depois eu conseguia ir para cozinha pegar um copo de água não precisava mais de ninguém para isso, já comecei a limpar meu quarto coisas, que não fazia, tinha que pedir para alguém por causa da cadeira manual não podia fazer isso. Muitas pessoas pensavam, cadeira de rodas motorizada é luxo, mas dependendo da deficiência é uma perna para você, ela é um braço para você, e essa cadeira de rodas ela me deu liberdade dentro da minha própria casa, então a minha independência, minha alegria, já começou dentro da minha casa, não foi nem a questão de ir para rua, ir para rua já foi outra história, já foi para passear, já foi para trabalhar, já foi para construir a minha vida de uma forma social. Mas quando você chega dentro da sua própria casa

e você consegue, essa cadeira que te dá tanto essas pernas, eu digo que a cadeira é as pernas do deficiente, então ela foi muito importante desse jeito.

São coisas que eu nunca ganhei, eu nunca ganhei uma cadeira de rodas da família, sempre vem das pessoas na verdade e algumas quando eu comecei a trabalhar eu comprei também com dinheiro, então eu era muito limitada mesmo dentro de casa, quase 40 anos era só dentro de casa mesmo. Lugar que eu ficava onde tinha que ficar e acabou, então essa cadeira veio para isso mas nessa cadeira já tava com o blog e já tava trabalhando essas questões todas e na rua essa cadeira, claro, ela me facilita muito só que ela não fecha, eu não fecho ela, é muito pesada, tem essas partes mas para quê, tenho transporte público que eu uso muito, faço três eventos usando o ônibus metrô trem CPTM.

Dependendo do local que fica muito distante o transporte público, tem que fazer uma palestra, que depende de um carro mesmo, eu sou obrigada a pegar um carro táxi acessível, que tem aquela plataforma, então assim é muito mais caro para a gente até para transporte em táxi, Uber... para quem anda, aí a gente tem que agendar porque a demanda é pequena, modelo reduzido, é muito caro é muito caro, a gente tem que agendar e a gente também fica à disposição se você quiser ficar o dia inteiro com táxi você fica o dia inteiro entendeu a gente tem uma facilidade mas ele quer também recurso financeiro grande. Então cadeira de roda motorizada é caro, então assim, a gente precisa trabalhar, a gente não vai viver só do assistencialismo então uma cadeira de rodas é muito importante para minha vida ela é a minha perna.

Renata CPDOC Guaianás: Espaço, você falou sobre circular, mas que espaços são referências para você? Você tinha comentado comigo sobre o mutirão, por quê aquele mutirão que você falou que aquele lugar é um lugar que você vai, a pracinha ou espaço do Rosalvino em alguma relação com você com relação a sua identidade? E o que Itaquera é para você?

Ivone Oliveira: Então, assim, a construção de qualquer pessoa desde a infância Itaquera para mim desde sempre, eu tô lá desde 3/4 anos de idade que vim morar em Itaquera. Meus pais compraram uma casa e estamos até hoje e tudo que eu fiz em Itaquera eu tenho história, memórias poucas da minha infância mas que lembra muito assim, eu indo pra primeira comunhão na Igreja Nossa Senhora Aparecida lá eu fiquei dói anos fazendo minha comunhão e catecismo depois teve a minha primeira comunhão, e também teve a revolução a urbanização

mesmo dentro de Itaquera, que mesmo tempo aqui não era acessível, não era acessível nesse espaço tudo era feito com muito sacrifício era mesmo, era falta de acessibilidade e eu ia longe tudo para gente é longe, e Itaquera parece que é um lugar curto que você vai lá, e não é pertinho não, você tem três pontos dentro de Itaquera, tem a estação Dom Bosco, Itaquera Bonifácio, tudo a Itaquera e eu fui tivesse a primeira comunhão, aí depois eu lembro eu estudando na escola, também não era acessível, estudei ali, me formei passei por um processo também de preconceito dentro da escola com a diretora, mas superei, consegui dei a volta por cima e continuei.

O mutirão, falo mutirão assim a gente gosta de um lugar quando você é bem-vindo, é o espaço que quando eu falo bem-vinda por que é acessível pra cadeirante, e lá é um lugar que eu gosto de ir de vez em quando, assim tem uma pracinha que é aberta para todo mundo ele é o Portal Dom Bosco quando na verdade eu chamo de mutirão, é porque foram pessoas que fizeram mutirão pra construir uma casa ali e moram.

E ali eu gosto de ir porque quando surgiu aqueles espaço eu pensei, aquele lugar é muito bom porque ele aberto, eu conheço todo mundo, não moro lá mas conhece todo mundo, todo mundo não, quase todo mundo, e eu gosto daquele espaço, eu gosto de Itaquera porque, assim, ao mesmo tempo que não é acessível ele acolhedor porque ali eu conheço as pessoas teve um desse com crescimento evolução, aquelas crianças que cresceram casaram mas que sabe? que continua ali naquele lugar então é uma coisa assim meio que familiar. Então se você chega lá a quem é a Ivone, ou quem aquela cadeirante, tem aquela menina da cadeira de rodas, aí eu sei onde ela mora, até leva na casa, você entendeu? todo mundo conhece todo mundo, então Itaquera assim, é a minha paixão, eu trabalhei dentro de casa em Itaquera, então toda minha história de processo de evolução para viver em sociedade tudo em Itaquera, por quê eu não fui para fora fazer faculdade fora, eu fiz faculdade de Itaquera, eu trabalhei, o serviço era no Anhangabaú mas eu trabalhei na minha casa em Itaquera, então assim tudo eu trazia para perto, para eu ficar dentro de Itaquera para facilitar a minha vida, então tenho paixão, eu consigo muitas coisas apesar da acessibilidade já fiz muita militância, ali na pracinha de Itaquera sobre a falta de acessibilidade na UBS tem eu e esse Aldir que tá lá também, e nesse momento também e ele lutou isso e hoje tá bem melhorzinho assim às UBS daqui de Itaquera que facilita para gente tá participando e usando o espaço público que também é do deficiente, então eu tive

militâncias aqui em Itaquera para dar uma pequena melhorada e já tá tendo umas pequenas melhoras aqui, graças a Deus!

Ivone Oliveira: Começando pelo bloco Eu Fico onde eu levei a inclusão da pessoa com deficiência, levei várias pessoas para o bloco de rua lá, eu fui homenageada e hoje eu sou a musa tipo a homenagem do bloco. De lá para cá outras músicas surgiram mas nesse bloco também empoderamento das mulheres com deficiência não ocupando o espaço do samba também no carnaval esse vendo né com uma mulher no topo né É assim que eu gosto de colocar horas no lugar de destaque empoderadas. Abrir espaço também dentro de blocos de carnaval empoderando a mulher com deficiência.

Renata CPDOC Guaianás: Conta para gente que mais que são esses objetos aqui?

Ivone Oliveira: Esse aqui é de quando eu fui na parada LGBT São Paulo pelo ativismo e militância da pessoa com deficiência, foi nesse espaço também um destaque, que as pessoas com deficiência sendo elas LGBT ou não, mas elas têm acessibilidade, outro marco também aqui são troféus do bloco, todo ano eu recebo dele mimos, uma homenagem, isso é que é titular lá, de outras meninas também esse daqui eu ganhei também sobre questões de carnaval, eu sou amante do samba e todos os lugares que ocupa lá pessoas com deficiência e fala assim, leva uma vez depois leva a legião deles para ocupar esses espaços aqui na minha pegou um militante e ativista na casa da pessoa com deficiência e a mulher com deficiência também.

Renata CPDOC Guaianás: E esse aqui?

Ivone Oliveira: Ah, esse foi esse ano 2020, então esse aqui também é outro foco, que viu que eu tava destacando com pessoas com deficiência no outro né nos concorrentes vamos dizer assim, e também homenageou na questão de bloco focado LGBT né, e eu levei também pessoas com deficiência para esse bloco de rua usando como referência a inclusão da pessoa com deficiência e acessibilidade, é importante.

Renata CPDOC Guaianás: essa homenagem da Câmara dos Vereadores

Ivone Oliveira: Essa aqui chorei muito porque para mim foi muito importante né para câmara dos vereadores uma pessoa que está na rua levando as pessoas com deficiência, de repente alguma notícia diz olha você vai ser homenageada pelo empoderamento da mulher com deficiência na sociedade, então uma homenagem que não me lembro, não me recordo de mulheres com deficiência estarem ocupando esse lugar de homenageado e lembrada por uma vereadora, que é a Adriana, então muito significativo esse aqui para mim é muito importante mesmo que às vezes a sociedade nos a limite o nosso corpo deve ocupar espaços então acho que também é perfeito também gostei horrores também.

Renata CPDOC Guaianás: Ivone tivesse que sintetizar você assim em algumas palavras como que você sintetizaria toda essa história?

Ivone Oliveira: Olha, assim eu do que eu fiz foi em fase de início, claro, de incluir nos espaços, mas quando... quando eu falo de mim é estranho, eu falo assim: Gente, eu tô fazendo o que é bom para mim, mas o que é bom para outras pessoas com deficiência também, então tudo que chega para mim chega para o outro também, chega para outras pessoas, visibilidade, mas eu sou uma pessoa, assim tipo, sou feliz pela pessoa que eu sou, a mulher que me tornei, uma mulher que pensa na empatia, que pensa não só em mim mas pensa em outros também, em outras pessoas, de partes que são pertencentes a minha identidade, então é orgulho de ter me tornado quem eu sou, então eu acho que é isso passar minha visão, a fala para todo mundo e trazer esse povo pra rua.